

LEITURA COMO FERRAMENTA CATALISADORA DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS: UMA CONCEPÇÃO SEMÂNTICA, PRAGMÁTICA E LEXICAL NA LÍNGUA PORTUGUESA

LECTURA COMO HERRAMIENTA CATALIZADORA DEL PRÁCTICAS DE DISCURSO: UNA CONCEPCIÓN SEMÁNTICA, PRAGMÁTICA Y LÉXICA EN LA LENGUA PORTUGUESA

Denise Ramos Cardoso¹
Bruno Gomes Pereira²

RESUMO

Neste artigo buscamos os respaldos teóricos nas reflexões propostas pelo filósofo Michel Foucault em sua obra *Arqueologia do Saber* (1969) a fim de compreender como se dá o processo de formação discursiva no contexto social, levando em consideração os seus aspectos históricos e ideológicos como elementos constituintes dessa prática. Outrossim, analisamos a leitura como auxiliadora indispensável para se fundamentar o discurso do sujeito, uma vez que esta aprimora suas concepções e saberes, enriquecendo e estruturando seus argumentos. Dessa forma, o estudo tem como objetivo apresentar a relação entre ambas as práticas, enfatizando a necessidade de se manter o hábito de ler, interpretar e compreender como fundamento para construção de um posicionamento crítico e ideológico, para, então, expor e defender suas verdades, visto que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Ou seja, o referente trabalho busca compreender o que há por trás das materializações ideológicas presentes nos discursos.

Palavras-chave: Discurso. Leitura. Ideologia.

RESUMEN

En este artículo buscamos el apoyo teórico en las reflexiones propuestas por el filósofo Michel Foucault en su obra *Arqueología del conocimiento* (1969) para comprender cómo se lleva a cabo el proceso de formación discursiva en el contexto social, teniendo en cuenta sus aspectos históricos e ideológicos como elementos constitutivos. de esta práctica Además, analizamos la lectura como una ayuda indispensable para fundamentar el discurso del sujeto, ya que mejora sus concepciones y conocimientos, enriqueciendo y estructurando sus argumentos. Por lo tanto, el estudio tiene como objetivo presentar la relación entre ambas prácticas, enfatizando la necesidad de mantener el hábito de leer, interpretar y comprender como base para construir una posición crítica e ideológica, para luego exponer y defender sus verdades. Ya que no hay discurso sin sujeto ni sujeto sin ideología. Es decir, este trabajo busca comprender qué hay detrás de las materializaciones ideológicas presentes en los discursos.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: dcardoso2005@hotmail.com.

² Doutor em Ensino de Línguas e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Palabras clave: Discurso. Lectura. Ideologia

INTRODUÇÃO

Há uma grande ligação entre a leitura e as práticas do discurso. É visto que vários estudos já foram feitos para se compreender a vital importância que a leitura possui na vida de todo ser social. No entanto, trataremos aqui deste ato como sendo influenciador nas práticas discursivas, a fim de se entender de que maneira a leitura auxilia nesse processo.

As noções de formação discursiva serão analisadas, principalmente, através das teorias do filósofo Michel Foucault na sua obra *Arqueologia do saber* (1969). O teórico busca esclarecer, mediante a uma série de estudos, o conceito mais próximo do ato do discursivo e como ele está presente no sujeito. Procura também explicar a interferência histórica nessas práticas pois, de acordo com suas teses, o discurso nunca está só. Há sempre outro que deu origem ao discurso proferido pelo sujeito, mesmo que presente somente no inconsciente. Assim, analisar o discurso na visão foucaultiana seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas que estão “vivas” no discurso.

Outrossim, buscaremos apresentar a leitura como uma influenciadora nas práticas do discurso, reconhecendo-a como uma libertadora das alienações, auxiliando na interpretação e compreensão que se constitui no momento crítico de uma relação entre autor/texto/leitor.

Portanto, no decorrer deste trabalho analisaremos a leitura como uma ferramenta que oferece ao sujeito uma visão de mundo, proporcionando ao leitor/sujeito a aquisição do conhecimento, aprimoração e estruturação de seus argumentos e a manifestação de sua ideologia.

Para um melhor esclarecimento, conceituaremos aqui a filosofia de Marx e Engels sobre ideologia:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias

dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (ENGELS; MARX, 2007, p. 72)

Ou seja, para os referidos teóricos, a ideologia era entendida como ideias de dominação. Assim, classificavam a sociedade em duas dimensões distintas: a burguesia (dominante) e o proletariado (dominados). É importante frisar que tal conceito não será tão aprofundado no referido trabalho, haja vista que o foco está nas contribuições de Foucault sobre as formações discursivas. No entanto, a terminologia deve ser entendida para prosseguirmos na devida temática.

LEITURA

A leitura é um processo no qual se compreende e obtém informações, e para isto há a decodificação de símbolos presentes na linguagem, não apenas visuais, mas também táteis, como o braile por exemplo.

O processo de leitura, seja ele silencioso ou em voz alta, implica uma melhoria de raciocínio, de interpretação e análise do leitor. E foi por obter benefícios tão esplêndidos que ela chegou a ser censurada. Em ditaduras, governos totalitários, guerras, é sempre o acesso à leitura o primeiro a ser dificultado, pois um livro, se devidamente compreendido, é uma fonte inesgotável de conhecimento. Tomemos como pressuposto a citação a seguir:

A leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entres diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda, simplesmente, para se divertir (DARTON, 1989, p. 212)

É irrefutável que a leitura é um ato simples, mas relevante na construção de sentidos e aquisição de compreensão do mundo real. Por muito tempo ela foi tida como perigosa, e limitada, principalmente ao sexo feminino. Hipácia de Alexandria foi a primeira mulher a quebrar esses padrões, sendo uma grande estudiosa e abrangente em diversas áreas, como a matemática, e por consequência acabou sendo morta brutalmente. Os homens, por longos anos, consideravam as mulheres que liam perigosas.

Percebe-se que ler é algo estritamente importante, pois aumenta o nível de educação, cultura, informações, ideias e expressões individuais. A leitura provoca o pensamento crítico e um melhor entendimento de mundo. De acordo com Zilberman:

Compreendida dialeticamente, a leitura pode se apresentar como um instrumento de conscientização, colocando-se neste caso, como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e a condição de poder de crítica do leitor. (ZILBERMAN, 1991, p.112):

Assim, entende-se que a leitura é capaz de desenvolver a capacidade de indignação do indivíduo comprometido com a sociedade. É um instrumento que abre parêntese para novos conceitos e visões de mundo.

DISCURSO

A forma como movimentamos a língua para estabelecer uma relação com outro é parte do conceito de discurso. No entanto, cabe ressaltar algumas características importantes que influenciam de modo significativo na compreensão deste termo.

Para Wittgeinstein (1994), o discurso é entendido de um modo simplório, sendo apenas como o uso que o sujeito faz da língua em qualquer âmbito social. Ademais, o pensador considera o contexto um elemento do discurso que dará a uma palavra ou enunciado um determinado sentido, ou seja, o significado da palavra dependerá do uso que se faz da mesma. Em decorrência disso, a definição de discurso amplia-se agora para “o uso que fazemos da língua em determinado contexto”.

Dessa maneira, compreende-se contexto no ato discursivo como a realidade de cada indivíduo, um conjunto de elementos presentes- cultura, lugar, tempo, condições físicas e financeiras, etc. que contribuam para o significado dos enunciados proferidos.

Cabe aqui frisar que através da manifestação do sujeito discursivo, há fatores que o condicionam a agir e pensar de tal forma. Primeiramente, o sujeito só será capaz de produzir o seu discurso através de outros que o antecederam, uma vez que é também a partir do conhecimento de mundo e interação social que ele conseguirá formular suas ideias e organizar o seu raciocínio. Sobre isso, Fernandes (1999) afirma: “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais as vozes sociais que se fazem presente em sua voz”.

Além disso, a interpretação dos diversos discursos presenciados pelo sujeito será feita a partir de sua da ideologia, ou seja, suas crenças, verdades, doutrinas e tudo aquilo que infere no seu modo de pensar ou agir. Ou seja, os discursos são regidos por formações ideológicas. Como aponta Orlandi (1999) “O discurso é o lugar em que se pode observar

a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se a língua produz sentido por/para os sujeitos”

As ideias do filósofo Michel Foucault serão as principais norteadoras sobre esta temática nesse artigo. Sua filosofia pode ser caracterizada em três momentos: arqueológico, genealógico e ético. No entanto, a noção de formação discursiva é estabelecida em sua obra da Arqueologia do Saber lançada em 1969 momento em que se procura entender como os saberes produzem as representações sobre o sujeito, surge a classificação e objetivação do sujeito, identificando quais são os racionais e irracionais. Além disso, apresenta uma sequência de produções que têm por objetivo arquitetar um novo pensamento. Foucault fala mais sobre o assunto no seguinte segmento da sua obra Arqueologia do Saber:

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 1969, p. 159)

Ou seja, o filósofo busca aqui estabelecer como se dá a formação dos discursos que justificam os saberes científicos. Dando continuidade a este raciocínio, a teoria foucaultiana considera o discurso como:

[...] um conjunto de enunciados, na medida que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar se for o caso) na história; é constituído por um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 1997, p. 135).

Entende-se, portanto, que a formação discursiva para o teórico é vista como um conjunto de enunciados, ou seja, acontecimentos discursivos, sendo, então, uma unidade de comunicação sobre os sujeitos. O que Foucault analisa em relação ao discurso é a articulação acerca do que pensar, dizer e fazer representando um referente período, uma vez que isso remete a acontecimentos históricos, isto é, os elementos históricos são essenciais para compreender a construção da formação discursiva e dos discursos na atual sociedade.

LEITURA E DISCURSO

A leitura é uma arma de libertação intelectual, pois provoca no leitor novas visões de mundo e estimula seu lado crítico. Assim, sua relação com o discurso é mútua, visto que a construção do raciocínio lógico e a organização das ideias estão engajados em um bom hábito de leitura, pois esta proporciona ao leitor uma facilidade na compreensão, interpretação e análise dos acontecimentos na sociedade em que está inserido, uma vez que ler não é apenas decifrar os códigos linguísticos, mas compreendê-los dentro de um discurso. Para os autores Rangel e Rojo:

Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida (RANGEL; ROJO, 2010, p. 86).

O importante linguista suíço Ferdinand de Saussure afirma que o homem, sendo um ser social, necessita da leitura para formar seus pensamentos e suas próprias concepções de mundo. Logo, o sujeito, no ato do discurso, trará enraizado em seus argumentos um cunho ideológico, onde será exposto seus pensamentos, saberes, verdades e doutrinas. Sendo assim, por trás de todo discurso sempre haverá uma posição pessoal, uma formação ideológica. De acordo com Orlandi (2007) “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.”

Entende-se, portanto, a importância do exercício da leitura para que o leitor mantenha sua postura crítica, desfazendo as verdades prontas e acabadas que se pautam no senso comum e construindo a sua própria visão de mundo. Além disso, ler é uma busca inesgotável de conhecimento. Por isso, para haver um discurso ampliado e fundamentado, com argumentos organizados e proferidos de modo lógico é necessário ter o hábito da leitura como aliado. Pois, como já supradito, esta possibilitará que o sujeito interprete, compreenda os acontecimentos e, simultaneamente, enriqueça seu vocabulário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos argumentos aqui apresentados, conclui-se que a leitura é suma importância nos processos das práticas discursivas. Ela não só abre um leque de visão de mundo como também está intrinsecamente ligada a vida do ser social. Entende-se, então, que leitura e discurso são aliados, visto que é na junção de ambos que se obtém uma melhoria interpretativa, crítica e argumentativa.

Percebe-se que ler é um modo de se libertar da alienação e dos ideais impostos pela sociedade. E, dessa forma, se compilado com o discurso, é capaz de transformar o ser político tornando-o ciente do seu papel na comunidade.

Foi visto também, com base na teoria foucaultiana, que o discurso está diretamente ligado a ideologia, pois sempre há um cunho ideológico no que se deseja passar, e é por esse motivo que o sujeito pensante deve ser apto nas práticas discursivas. O ser social que não pensa por si só está condenado a depender do pensamento do outro.

Dessa forma, compreende-se que há a necessidade de manter o hábito de leitura para construir o seu posicionamento e sua ideologia mediante aos elementos externos que buscam modificar a mente do sujeito através de argumentos opostos. Sendo, dessa forma, autônomos ao formar o nosso universo discursivo, histórico, social, ideológico e científico.

REFERÊNCIAS

- DARNTON, R. História da Leitura: In: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESp, 1989, p.199-236.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FERNANDES, Millôr. **Fábulas Fabulosa**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 6. São Paulo, Cortez; Campinas, 2001.
- RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1991/1994/1995.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ZILBERMAM, Regina. **Leitura:** uma aprendizagem de prazer. Rio Janeiro: José Olímpio.